



A MULHER DE BATH NOS CONTOS DA CANTUÁRIA: REFLEXÕES SOBRE O FEMININO E O CONTROLE DO CORPO NO MEDIEVO E SEUS ECOS NA CONTEMPORANEIDADE

Beatriz dos Santos Oliveira⁹

Resumo: A Idade Média, erroneamente conhecida como idade das trevas, é um período de grande florescimento das universidades e de uma vasta produção literária, difundida principalmente pelos monges copistas e que faz hoje parte de nosso imaginário. Dentre as obras mais importantes e conhecidas do período podemos citar *Beowulf*, *A Demanda do Santo Graal*, *Decameron*, e aquela que será o foco de nosso estudo: *Os Contos de Cantuária*, de Geoffrey Chaucer, escrito em fins do século XIV. Tendo em vista que muitas dessas obras literárias vêm sendo recriadas e recontadas através dos séculos, inclusive no século XXI pela televisão e pelo cinema, pretendemos utilizar em nosso trabalho uma das narrativas do livro, o prólogo do *Conto da Mulher de Bath*. Nosso objetivo será verificar de que forma a vivência da sexualidade explicitada por esta personagem, medieval, pode se contrapor ou equivaler ao comportamento e à questões atuais, do século XXI, ligadas a independência feminina sobre seu corpo e mostrar como este conto é retratado pelas mídias atuais.

Palavras-chave: Inglaterra, Literatura Medieval, Chaucer, Mídia.

Abstract: The Middle Ages, wrongly known as the Dark Ages, is the period that encompasses the blooming of universities and a vast literary production; which was spread through the work of the monks. Among the most known and important Literary works of this period we can list *Beowulf*, *A Demanda do Santo Graal*, *The Decameron* and the one which will be the focus of our article: *The Canterbury Tales*.

Considered as the master piece of Geoffrey Chaucer, the book is composed by one prologue and twenty seven tales, sometimes being compared to Boccaccio's *Decameron*. In the prologue of *The Canterbury Tales*, Chaucer makes a panorama of the peregrines that join him in the journey. These characters are classical representatives from the medieval society; we have characters like the knight, the monk, the pardoner and the merchant, just to name a few.

⁹ Graduanda em Letras: Português-Inglês pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Bolsista PIBIAC. Email: beatriz.santos1@gmail.com

During the presentation of these characters Chaucer inserts his critical view concerning the socioeconomic position of the characters, showing that many times they have inappropriate behaviors according to their position in society. In addition, knowing that many of these literary works have been recreated and retold through the centuries, including on the TV and the cinema of the twentieth century, we intend to analyze the prologue of *The Wife of Bath's Tale* in our article. Our goal through this analysis is to examine how the explicit sexual life presented by this medieval character can differ or be equal to the behavior and to some twentieth century questionings related to the feminine independence over the control of her own body. We also intend to show how this tale is depicted by our the media.

Key-words: Wife of Bath, feminine sexuality, criticism of medieval society, medieval literature nowadays.

Para que possamos melhor discutir o tema proposto, dialogaremos com a compreensão do feminino e da sexualidade utilizados por Jacques Le Goff em seu *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Além disso, utilizaremos textos teóricos de José Rivair Macedo no que tange às características históricas dos diferentes comportamentos apresentados pelas mulheres na Idade Média.

Composto por um prólogo e vinte e quatro contos, *Os Contos de Cantuária* de Geoffrey Chaucer é uma das obras mais significativas da literatura medieval. Temos a apresentação de seus personagens logo no prólogo do livro, no qual Chaucer traça o perfil dos peregrinos que o acompanham, típicos personagens da sociedade medieval, como: o cavaleiro, o monge, o vendedor de indulgências, o mercador, entre outros. Ao fazer isto ele insere uma crítica à posição socioeconômica dos personagens, mostrando que por vezes seus comportamentos não condiziam com o esperado de pessoas com aquele status. Dentre estas descrições encontramos a da Mulher de Bath.

As mulheres distinguiam-se entre si pela posição que ocupavam na sociedade medieval, pela atividade que desempenhavam, pela faixa etária, pela instrução, por suas opções e ideais de vida (MACEDO, 2002, p.10). Portanto, se pensarmos na descrição que Chaucer faz da Mulher de Bath, perceberemos que seu comportamento aparentemente mais livre (que lhe permitiu contrair matrimônio cinco vezes e demonstrar um discurso aberto sobre suas aventuras amorosas) devia-se ao fato de ser uma cidadina e à sua condição social, pois trata-se de uma mulher rica, como podemos verificar através da percepção do poeta quanto a aparência da personagem:

E havia lá uma MULHER da cidade de BATH. Só que era meio surda, coitada. Tinha tanta experiência como fabricante de tecidos que seus panos superavam os produzidos em Ypres e Gant. (...) O Capeirote, que aos domingos colocava na cabeça, era da melhor fazenda; (...) De

belo escarlate eram suas calças, bem justas; e seus sapatos eram de couro macio e ainda úmido de tão novo. Tinha um rosto atrevido, bonito e avermelhado. Havia sido em toda a vida uma mulher de respeito: tivera cinco maridos à porta da igreja, — além de alguns casos em sua juventude (...). (CHAUCER, 1988, p.09-10)

Tal condição lhe proporcionaria um certo tipo de “privilégio” frente às usuais restrições às mulheres, principalmente as casadas, posto que deveriam ser exemplos de razão, retidão e justiça, como apregoa Cristina de Pisan em seu *Livro das três virtudes*.

Outro importante aspecto a se comentar acerca das mulheres no Medievo é que existiam alguns modelos comportamentais tidos por esta sociedade como próprios ao feminino. De acordo com os primeiros exegetas da Sagrada Escritura e segundo um dos mais famosos Pais da Igreja, Santo Agostinho, teria sido para ajudar o homem na reprodução e na multiplicação da espécie que Eva foi criada depois dele e da carne dele (KLAPISCH-ZUBER, 2006, p.142). Portanto, por natureza, seria destinada à mulher apenas uma posição secundária, já que:

Esta qualidade de auxiliar que possui a mulher e a antecedência da criação de Adão, fundam a preeminência do homem até nas relações conjugais: concebida como uma superioridade, a prioridade deve ser consagrada pela obediência da mulher, que se torna o fundamento da harmonia do casal. (KLAPISCH-ZUBER, 2006, p.142)

Sendo assim, os principais modelos estipulados a serem seguidos pelas mulheres eram três: o de Eva (a pecadora), o de Maria (a virgem) e o de Maria madalena (a prostituta arrependida, intermédio desses dois aspectos).

Contudo, através do prólogo do Conto da Mulher de Bath verificaremos que esta harmonia matrimonial será conseguida não através da obediência da mulher, mas da subserviência e submissão da figura masculina.

Nossa personagem começa sua narrativa afirmando que basta sua experiência para falar com propriedade das agruras do matrimônio e também diz não entender o porquê recriminam aqueles que se casam tantas vezes, não compreende o motivo das críticas, visto que:

O que sei é que Deus, expressamente e sem mentira, ordenou-nos claramente isto: “Crescei e multiplicai-vos!” E esse texto gentil entendo muito bem. (CHAUCER, 1988, p.137)

Durante a narrativa utiliza vários exemplos bíblicos, da vida do rei Salomão aos ensinamentos do apóstolo Paulo, para argumentar sobre a legitimidade de contrair novas núpcias a cada vez que fica viúva. Esta atitude nos chama a atenção, pois usualmente as senhoras viúvas ou terminavam seus dias vivendo em castidade e administrando os bens de seus esposos, ou se encerravam em mosteiros. Ela, porém, afirma com segurança:

Dou graças a Deus que tive cinco maridos; e benvindo seja o sexto, venha lá quando vier! Como não pretendo fechar-me numa vida de castidade só porque meu marido deixou este mundo, é natural que venha logo outro cristão e me despose, pois, como afirma o Apóstolo, sou livre para casar-me, em nome de Deus, quantas vezes me aprouver. (CHAUCER, 1988, p.137)

A seguir, astutamente, a mulher de Bath se utiliza da própria questão da virgindade para justificar seus atos. Afirma que o apóstolo Paulo aconselhou-a às mulheres, mas que aconselhar não significa ordenar, sendo assim, esta estaria a critério das mulheres. Seu posicionamento quanto a esta questão é de que a virgindade aliada à devoção e abstinência seriam características recomendadas por Cristo aos que desejam viver em perfeição, mas como este não é seu desejo, ela não seguirá casta, nem tem inveja da virgindade. Além disso, ela se questiona sobre a finalidade dos órgãos humanos de reprodução:

Além disso, gostaria que me dissessem: qual a finalidade dos órgãos de reprodução? E por que foram formados desse modo tão engenhoso? (...) digam o que quiserem, — como dizem mesmo por aí, — que servem para a excreção da urina, ou então para distinguir fêmea de macho e nada mais... não é o que dizem? A experiência, contudo, prova que não é bem assim. Espero que os doutos não se zanguem comigo, mas na minha opinião, eles foram feitos para as duas coisas, isto é, para o serviço e para o prazer da procriação (dentro do que a lei de Deus estabelece). (CHAUCER, 1988, p.138-139)

É notável esse discurso vindo de uma mulher, ainda que por intermédio da escrita de um homem, pois ela desmitifica o ideal cortês e nos mostra uma personagem mais real. Essa aparente facilidade em se falar sobre o corpo nos parece de uma liberdade enorme para o momento, século XIV, mesmo em se tratando da aristocracia, nos mostra que dependendo do local social algumas mulheres tinham domínio sobre suas vidas. Além disso, mesmo que a personagem não questione as estruturas que definem os papéis sociais entre homens e mulheres, ao falar em prazer da procriação e ao afirmar que quer ver sua existência frutificar nos atos do matrimônio, o fato de saber como utilizar as próprias passagens bíblicas para validar o prazer pelo ato sexual em si, nos faz lembrar a dita astúcia natural das mulheres para conseguir o que querem.

Contudo, este mesmo discurso também corrobora o pensamento medieval no que tange a sexualidade e a natureza feminina, segundo Jacques Rossiaud:

É necessário tornar mais racional a mulher, particularmente sujeita ao desejo (úmida, fria, frágil, aberta e voluptuosa, portanto mais próxima da animalidade), dotada da capacidade de gozos repetitivos que supera, em muito, a do macho, ela é insaciável (...) (ROSSIAUD, 2006, p.479)

A Mulher de Bath, se desejássemos classificá-la, poderia se enquadrar no perfil de “mulher ardilosa”, segundo Macedo (2002) em seu livro *A Mulher na Idade Média*. Ela é astuta, vaidosa, sabe utilizar as palavras a seu favor para conseguir qualquer coisa.

Também é notável a desmistificação da própria personagem através do discurso de Chaucer. Se voltarmos ao prólogo de *Os Contos de Cantuária*, observaremos que o autor termina por ser irônico, porque descreve esta personagem como uma mulher de respeito, mas durante o prólogo do conto da personagem, esta mesma confessa e indica que:

As esposas inteligentes, que entendem das coisas, sabem que o melhor é manter os maridos sempre na defensiva... pois os homens não conseguem jurar e mentir nem a metade do que as mulheres costumam. É claro que não estou dizendo isso para as mulheres experientes, e sim para aquelas que precisam de uma boa orientação. (CHAUCER, 1988, p.140)

Ao fazer com que a personagem assuma este discurso, Chaucer faz com que a própria reitere o pensamento difundido durante toda a Idade Média: de que os homens não seriam ardilosos como as mulheres e que apenas elas têm inclinação para a mentira, o caminho errado, para a falsidade, luxúria, enganação, que as mulheres são seres perigosos. Macedo (2002) nos faz observar como a obra de Chaucer sofre influência do *Roman de la rose* (Romance da rosa), iniciado por Guilherme de Lorris por volta de 1236, e terminado quarenta anos depois por João de Meung, no que tange a questão do mau comportamento feminino; já que o entendimento/constatação que Chaucer faz acerca da Mulher de Bath, presente no prólogo do conto narrado pela mesma, pode ser considerado reflexo do pensamento geral da época, pois é a própria personagem quem fala abertamente sobre como enganou e desprezou seus maridos, e o quão sofrida era a vida de casada. Sofrida por ser preciso primeiro conquistar o marido, para que depois obtivesse suas propriedades.

Assim ela passa a fazer parte do rol de representantes “exemplares” do sexo feminino, tais como as jovens tolas, ou as velhas astutas, maliciosas e trapaceiras (casadas que costumam ridicularizar os maridos, sobretudo pelas artimanhas que empregam para enganá-los e cometer adultério). (MACEDO, 2002, p.81)

Com relação à submissão ao homem, percebemos que não é realizada pela mulher de Bath. Além de fingir se sentir insultada com as denúncias feitas a seu respeito, ela enfrenta seus maridos e discorda abertamente deles quando falam sobre o comportamento das mulheres, mostra-se orgulhosa por sempre levar a melhor em tudo, de um jeito ou de outro, por esperteza ou à força, e sempre com resmungos e queixumes. (CHAUCER, 1988, p.143)

Durante todo o prólogo do conto verificamos os desejos e opiniões desta mulher colocados em prática, aqui ela quebra a expectativa de vermos uma personagem apática,

lembrando bastante personagens de narrativas modernas, nas quais a personagem feminina tem voz. Escutamos aqui suas vontades e ações, saímos do âmbito idealizado pela sociedade medieval. Temos então o exemplo de uma mulher experiente, independente do jugo masculino, que controla sua vida ao invés de ser controlada, que conhece e tem domínio sobre seu corpo:

Um de nós dois tem que baixar a cabeça, quanto a isso não resta dúvida; e como o homem é mais ajuizado que a mulher, é você quem deve se conformar. (...) Se eu quisesse vender a minha *belle chose*, aposto como andaria por aí bonita como uma rosa. Mas vou guardá-la só para o seu bico. (CHAUCER, 1988, p.143-144)

Ela trata o desejo sexual como algo inerente a vida. Isso nos faz observar que os questionamentos sobre o que seria um comportamento adequado ou não acerca do feminino no século XIV, obviamente, são diferentes do comportamento tido como normal hoje, contudo, através desta personagem também percebemos que a sexualidade feminina não desapareceu na Idade Média, e Chaucer estava a par disto. A relação da mulher com seu quinto e último marido, bem mais jovem que ela no mínimo vinte anos, pode ter sido motivo de desconforto ou estranhamento, visto que era uma relação fadada a não gerar filhos, o que talvez não fosse bem visto na sociedade medieval; o ideal seria o contrário, o homem mais velho e uma mulher mais nova, capaz de gerar herdeiros.

Em contrapartida, hoje podemos dizer que seria uma relação um pouco mais bem aceita, mas ainda assim com seus devidos conflitos, como podemos verificar através da releitura da história da mulher de Bath em minissérie de 2003, criada pela BBC. Nesta releitura, nossa personagem se chama Beth, é uma atriz de sucesso que deixou a escola aos dezesseis anos, é casada, mas logo após o informe de separação do marido e a morte do mesmo em um acidente, se envolve com seu parceiro de cena, Jerome, que na série tem vinte e dois anos, enquanto sua personagem tem cinquenta e três. Novamente temos uma grande diferença de idade, e neste caso ela termina sendo fator importante nos conflitos e na separação do casal. Nesta recriação, a personagem feminina se vê preocupada com algumas questões já conhecidas, mas ainda presentes para a mulher moderna, como diferença de experiências entre ela e o marido, além da questão da mulher ficar insegura quanto a sua beleza, se ela parece suficientemente atraente aos olhos de um jovem.

Ainda na minissérie, temos também salientados alguns detalhes inerentes à personagem e que estão presentes no livro de Chaucer, como o fato de sempre se vestir de vermelho, o gosto pelo vinho e a relação com Vênus, que seria razão de seu forte desejo pelos prazeres carnavais:

Mas meu apetite sempre foi de jovem. Não é à toa que tenho esta janela entre os dentes, que é considerada a marca e o selo da Sagrada

Vênus. Deus me valha, que sempre fui muito sensual... além de bonita, rica, jovem, bem situada, e (como não se cansavam de dizer os meus maridos) dona da melhor cônia que existe. (CHAUCER, 1988, p.146)

Ainda que terminasse por contribuir de alguma forma nesta sátira por fortalecer o estereótipo da mulher como um fardo incorrigível, Chaucer não estava alheio ao fato dessas descrições estarem relacionadas à história ser majoritariamente escrita por homens,

Porque, podem crer, é impossível encontrar um letrado que fale bem das mulheres (a não ser nas biografias das santas; fora isso, nunca) (...) Por Deus, se, em vez dos doutos nos claustros, fossem as mulheres que escrevessem as histórias, veríamos mais maldade entre os homens do que todos os representantes do sexo de Adão poderiam redimir. (CHAUCER, 1988, p.147)

Através destas palavras ditas pela burguesa fica evidente que o autor estava atento que quem detém o poder da escrita, também possui o poder sobre a imagem do outro (MACEDO, 2002, p.84). Talvez, se a voz feminina fosse a naturalmente dominante, a direção dos conceitos da sociedade medieval em relação a vida dos casais e sua sexualidade apenas trocassem de vítima, seriam os homens os fracos e subalternos que necessitariam de proteção.

Bibliografia:

- CHAUCER, Geoffrey. *Os Contos de Cantuária = The Canterbury Tales*. Apresentação, tradução direta do médio inglês e notas de Paulo Vizioli. São Paulo: T. A. Queiroz, 1988.
- KLAPISCH-ZUBER, Christiane. *Masculino / feminino*. In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude. *Dicionário Temático do Ocidente Medieval / coordenação Jacques Le Goff e Jean-Claude Schmitt*. Coordenador da tradução: Hilário Franco Júnior. Bauru: Edusc, 2006, p.137-150.
- MACEDO, José Rivair. *A Mulher na Idade Média*. São Paulo: Editora Contexto, 2002.
- POOLEY, Robert; ANDERSON, George; FARMER, Paul; THORNTON, Helen. *England in Literature*. Glenview, Illinois: Scott, Foresman and Company, 1968.
- ROSSIAUD, Jacques. *Sexualidade*. In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude. *Dicionário Temático do Ocidente Medieval / coordenação Jacques Le Goff e Jean-Claude Schmitt*. Coordenador da tradução: Hilário Franco Júnior. Bauru: Edusc, 2006, p.477-492.